

FOLHAS DA SELVA

ANIBAL BEÇA

FOLHAS DA SELVA

Aníbal Beça ©

O ninho vazio
deixa a árvore sozinha -
no céu asas novas

Na viagem longa
apenas uma surpresa -
pedra no caminho

Saindo do bosque
a vista fragmenta-se na luz –
um caleidoscópio

O Som do bronze
para o labor das formigas -
Seis horas da tarde

Folhas abafadas -
desperta o uirapuru
a manhã da selva.

Sob a luz da lua
segue em direção da toca -
tranqüilo tatu

O lago está longe
mas ouço sua conversa -
folhas ao vento

Girassol na tarde
se curva em reverência:
o sol se vai.

Abre o camponês
sulcos de arado na terra.
Em seu rosto rugas.

Seis hora da tarde:
sons de cigarras prolongam
os sinos do templo.

Cochicho de folhas.
Varre o vento na calçada
secas lembranças.

Bem que me agasalho.
Galhos sem folhas lá fora
parecem ter frio.

Noitinha na várzea:
com a lua na garupa
búfalos regressam.

Ao sol na vereda
o ventre inchado em rodilha
jibóia a jibóia

No alto a lua fria;
no prato a sobra da janta:
beiju desprezado.

Canto e contracanto:
o pica-pau reclamando
do som do machado.

Soleira do sítio -
a negra graúna canta
ao silêncio do sol.

Broca no bambu
deixa furos vazados:
O vento faz música.

Céu de primavera.
Nas açucenas floridas

dura mais o orvalho.

Jogando a tarrafa
caboclo desfaz a lua.
Pesca estrelas de escamas.

Abro o armário e vejo
nos sapatos meus caminhos.
Qual virá comigo?

Vento de verão
vem com bafo de mormaço —
garoa ameniza.

Coruja na cumeeira
arrepia no seu canto —
a viúva reza.

Folha no rio
vai para o mar sem volta —
chorão se renova.

A cigarra canta
o anúncio de sua morte —
formigas na contra-dança.

Sobe a piracema —
ano que vem outros peixes
nadarão de novo.

Apenas um gesto
e o homem é capaz de vida —
reparto o caqui.

Verão vermelho -
sete horas e o sol ainda
amorena meninas.

Cúmulos nimbo -
a última lua azul
se pôs amarela.

Rajada de vento -
acompanhando as folhas,
uma borboleta

Sobe a montanha
com uma pedra na mão
e desce com ela

Mormaço do asfalto -
entre o vapor que sobe

a impressão de um oásis

De algum lugar
alguém canta por mim -
noite de garoa.

Outro Natal
e uma alegre novidade -
o neto enfeita o pinheiro

As mãos geladas
se aquecem folheando o livro -
Receitas de Natal.

Aos primeiros pingos
recolhe seu papagaio -
moleque de rua

Janela quebrada -
moleque de baladeira
erra o alvo da manga

Pedrinhas pro alto –
as crianças da pedreira
por um instante brincam

Manhã de verão –
as cadeiras desarrumadas
da reunião de ontem

Fogo aceso e logo
o zum zum da varejeira -
churrasco de porco

A nuvem de outono
passa nos meus velhos olhos
na calma de sempre

Nuvem passageira -
leve paina de algodão
passa em breve vôo,

Quarta-feira ingrata -
dorme embaixo da marquise
o mendigo de sempre

Leitoa de páscoa -
mesmo com a maçã murcha
peca-se ao desejá-la.

Depois da chuva,
o sol aviva o rastro verde -

limo na calçada.

Galhos sem folhas,
só restaram os talos -
ainda vejo as lagartas

Canta o bem-te-vi
e o amigo japonês saudoso:
hototogisu ?

Casco enferrujado
da traineira encahada -
do mar apenas algas.

Jardim abandonado -
só os carrapichos grudam
na velha calça.

Raios e trovoadas -
com a presença do sapo
as moscas debandam

Na chuva pra se molhar
o risco é só o resfriado

Verde verão -
o prenúncio de água fresca
tomba do coqueiro

o cachorro cisca a terra
com o ancinho das patas

DO OIAPOQUE ATÉ AQUI

Por Ricardo Silvestrin

Um p, de pássaro, passeia ao longo do verso: “pousa na palma parada”. O p pousa, o p na palma, o p e a palma parados. Agora, o haicai todo: “Andorinha só/pousa na palma parada -/não é verão ainda.” Anibal Beça nos envia essas Folhas da Selva, um ótimo livro com trezentas e sessenta páginas de haicai, lá do Amazonas. Foi publicado numa bonita edição pela editora Valer, de Manaus. O haicai, poema que é visão, olhar, mas também palavra: “Sol quente na areia - /o caracol sai da casa/prá se acasalar”. Sim, para se acasalar, é preciso, paradoxalmente, sair da casa, mesmo que dentro da palavra acasalar tenha a palavra casa. Daí o ditado: quem casa quer casa. Mas Anibal mostra que para casar é preciso sair primeiro da casa, a casa dos pais quem sabe, sair da casca. É preciso sair de si, como o caracol e suas caraminholas. De repente, uma situação inusitada: “Sobe a montanha/com uma pedra na mão/e desce com ela”. A pedra pulando, brincando na mão, volta companheira da árdua viagem. Aliás, de montanha, a pedra entende. Que melhor companhia do que ela? Ou o galo que leva brisa às folhas: “Galo-da-campina -/traz no vento de suas asas/leve brisa às folhas”. Então, o haicai é mais do que palavra e olhar. É ver numa cena uma coisa interessante. Como quem aponta para um amigo e mostra, olha só: “Nas vestes rasgadas/já não espanta os pássaros -/ninho no espantalho.” E não apenas olha só,

mas escuta só: “Seis horas da tarde -/sons das cigarras prolongam/os sinos do templo.” Ou ainda, sente só o cheiro: “Manhã de domingo -/cheirando mais que o café/a baunilha em flor.” E pode ainda, depois de passar pela visão, pela audição, pelo olfato, chegar ao paladar: “Goiaba madura/de polpa carnuda e rubra -/banquete de pássaros.” E até ao tato, como esse inadvertido macaco velho que meteu a mão em cumbuca: “Lição esquecida -/ mico-leão mete a mão/no ouriço da castanha.” Estar aqui e agora, com os cinco sentidos ligados e, partir daí, encontrar um sexto sentido: o haicai. Essa experiência é que faz do haicai um tipo especial de poesia. Não é uma poesia para dentro, para as idéias de quem está escrevendo. Mas uma poesia para fora, para captar o que vem de fora. Claro, filtrado e lido por quem está dentro. Isso não é também uma realização exclusiva do haicai. É possível captar instantes e realizá-los em outra forma que não a desse pequeno poema de três versos exportado pelos japoneses. É possível ainda imaginar tudo. Afinal, quem vai provar que o poema não nasceu de uma experiência? Do ponto de vista do leitor, tanto faz. Mas quem quiser se dedicar ao haicai pode encontrar no entorno instantes semi-prontos e transportá-los para o mundo das palavras. Como o fotógrafo que olha o que todo mundo vê, mas acha um ângulo que só encontramos na fotografia que ele tirou. Anibal Beça é um desses poetas-fotógrafos. E como poeta que é, fotografa para além da imagem: “Trilhos de grafite/riscando por ruas tortas-/o bonde e a minha vida”.

Ricardo Silvestrin é autor de *O menos vendido, ex-Peri,mental, Palavra mágica, Quase eu, Bashô um santo em mim e Viagem dos olhos* além dos infantis *O baú do Gogó, Pequenas observações sobre a vida em outros planetas, É tudo invenção e Mmmmonstro!*. Integra o grupo musical os poETs. É editor da ameopoema. Assina uma coluna no Segundo Caderno do jornal Zero Hora. Site: www.ricardosilvestrin.com.br E-mail: silvestrin@uol.com.br

Obra original disponível em:
<http://www.overmundo.com.br/banco/folhas-da-selva>